

PAISAGEM COMO ELEMENTO DE AGREGAÇÃO DE VALOR AO CAFÉ NOS AMBIENTES DE MONTANHA DE GUARAMIRANGA, CEARÁ.**LANDSCAPE AS NA ELEMENT TO AGGREGATE VALUE TO COFFEE PRODUCED IN THE MOUNTAINS OF GUARAMIRANGA, CEARÁ****EL PAISAJE COMO ELEMENTO DE VALOR DEL CAFÉ EN LOS ENTORNOS MONTAÑOSOS DE GUARAMIRANGA, CEARÁ.**Mônica Alves Amorim¹<https://orcid.org/0000-0002-8017-8284>Renato Linhares de Assis²<https://orcid.org/0000-0003-4228-5166>

Submissão: 10/11/2021 / Aceito: 18/04/2022 / Publicado: 30/06/2022.

Resumo

O desenvolvimento de territórios montanhosos demanda conciliar expansão de atividades produtivas com cuidados relacionados ao meio ambiente, face às vulnerabilidades naturais inerentes a esses locais. Por sua vez, a paisagem desses locais, por seu valor estético, natural e cultural carrega atributos que podem ser incorporados aos produtos de base local. Em Guaramiranga, CE e seu entorno, historicamente a paisagem de montanhas tem sido forjada pela cultura do café. O artigo objetiva analisar as interações entre café sombreado e paisagem de montanhas na região em questão, com destaque para os ganhos múltiplos derivados dessa associação, em especial a contribuição para o desenvolvimento sustentável. Na linha do estudo de caso, a metodologia faz uso de análise documental e bibliográfica, observação e pesquisa participante, bem como entrevistas com atores-chave. Verifica-se que a interferência do café nos ambientes de montanha locais tem caráter multissensorial, de forma que constitui bebida que espelha, por razões subjetivas e objetivas, características e propriedades da paisagem local. Essa compreensão anuncia direções inovadoras para o desenvolvimento sustentável de territórios montanhosos, com o uso eficiente e criativo dos recursos naturais e culturais enquanto patrimônio constituído com unicidade expressa em valores intangíveis associados a atividades de turismo e lazer.

Palavras-chave: Territórios montanhosos; Desenvolvimento sustentável; Turismo; Estudo de caso; Valores intangíveis.

Abstract

The development of mountainous territories requires reconciling the expansion of productive activities with environment conservation measures, in view of the natural vulnerabilities inherent to these sites. The mountain environment landscape, due to its aesthetic, natural and cultural values, portrays attributes that can be incorporated to local products. In Guaramiranga, Ceará and its

¹Doutora em Ciência, Tecnologia e Inovação em Agropecuária pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – área de concentração Políticas Públicas Comparadas. Professora Universidade Federal do Ceará. E-mail: monica_amorim@terra.com.br.

²Doutor em Economia Aplicada – área de concentração Desenvolvimento Econômico, Espaço e Meio Ambiente pela Universidade Estadual de Campinas. Pesquisador da Embrapa Agrobiologia. E-mail: renato.assis@embrapa.br.



surrounding areas, the mountain landscape has been historically forged by coffee culture. This article aims to analyze the interactions between shade grown coffee and the local mountain landscape, with focus on multiple gains produced by this association, especially it contributes to sustainable development. Following the case study line, the methodological procedure includes analysis of relevant documents and bibliography, participatory observation and research, as well as interviews with key actors. The study shows that shade grown coffee in the local mountain environment encompasses a multisensory experience, hence reflecting, for objective and subjective reasons, the characteristics of the local landscape. This perception sheds light into innovative directions for sustainable development of mountains territories, with efficient and creative use of natural and cultural resources as endowment comprised of unique intangible values associated to touristic and leisure activities.

Keyword: Mountain territories; Sustainable development; Tourism; Case study; Intangible values.

Resumen

El desarrollo de los territorios montañosos exige conciliar expansión de las actividades productivas con el cuidado relacionado con el medio ambiente, dadas las vulnerabilidades naturales inherentes a estos lugares. La paisaje montañosa, por su valor estético, natural y cultural, conlleva atributos que pueden incorporarse a los productos de base local. En Guaramiranga, CE y sus alrededores, el paisaje montañosa ha sido históricamente forjada por la cultura cafetera. El objetivo es analizar las interacciones entre café sombreado y el paisaje de montañas en la región en cuestión, destacando las múltiples ganancias derivadas de esta asociación, en particular la contribución al desarrollo sostenible. En la línea de estudio de caso, la metodología utiliza análisis documental y bibliográfico, observación y investigación participante, así como entrevistas con actores clave. Se verifica que la injerencia del café en los ambientes serranos locales tiene carácter multisensorial, y constituye una bebida que refleja, por razones subjetivas y objetivas, características y propiedades del paisaje local. Este entendimiento anuncia rumbos innovadores para el desarrollo sostenible de los territorios montañosos, con el uso eficiente y creativo de los recursos naturales y culturales como patrimonio constituido con singularidad expresada en valores intangibles asociados a actividades turísticas y de ocio y entretenimiento.

Palabras Clave: Territorios de montaña; Desarrollo sostenible; Turismo; Estudio de caso; Valores intangibles.

INTRODUÇÃO

Um dos problemas do desenvolvimento de territórios montanhosos consiste em conciliar a expansão de atividades produtivas com cuidados relacionados ao meio ambiente. Os ambientes de montanha enfrentam dificuldades relativas à infraestrutura e às vulnerabilidades naturais a eles associados. Ao mesmo tempo, a paisagem desses locais, por seu valor estético, natural e cultural carrega atributos que podem ser incorporados aos produtos de base local, e deve ser compreendida a partir de diferentes perspectivas, incluindo percepções sensoriais e também contemplando a relação humana com o meio físico e cultural. A paisagem consiste em uma construção mental, resultado da experiência pessoal e, ao mesmo tempo, como coloca Panis (2009), constitui um dos elementos fundamentais para a comercialização e marketing turísticos.



O desenvolvimento sustentável de um território partindo de estratégias que aproveitem seus próprios atributos, incluindo suas características físicas e culturais associadas à identidade e a reputação dos produtos locais, proporciona oportunidades de agregar valor a esses últimos, viabilizando-os como alavancas eficazes de transformação local. Territórios montanos compreendem um ambiente naturalmente diferenciado, por especificidades do clima, topografia, cobertura vegetal, biodiversidade, qualidade do ar e água, além de uma cultura própria. Tudo isso integra uma paisagem atrativa por razões objetivas e subjetivas (imaginário), proporcionando oportunidade para promover a valorização de produtos territoriais, permitindo expansão da economia local, gerando oportunidades para suas populações e estimulando a conservação do meio ambiente e das culturas locais.

A estratégia que potencializa os atributos ambientais e culturais das montanhas se contrapõe, com vantagem, às estratégias para criação de empregos a partir de políticas de investimento em infraestrutura e atração de grandes empresas, bem como a incorporação de tecnologias complexas e de alto custo que visem expandir a produção. E, montanhas como paisagens diferenciadas, fontes perenes de água, especialmente em regiões semiáridas onde constituem contraste claro em relação à aridez tanto física, quanto humana, de seu entorno, são indicação clara de que políticas de desenvolvimento precisam ser desenhadas de forma adequada aos contextos locais.

No município de Guaramiranga, Ceará, e seu entorno, a paisagem de montanhas tem sido forjada pela cultura do café, desde o início do século XIX até a atualidade, havendo esse cultivo impactado, de várias formas, a vegetação, microclima, qualidade do solo, fontes hídricas, biodiversidade, cultura e modos de produção e vida na região. Após atravessar, sucessivamente, desafios associados a diferentes práticas de cultivo na serra, a fase atual da cultura cafeeira no local, enquanto adota o cultivo sombreado, zela pela manutenção da mata nativa e plantação de novas árvores, e cuida ainda de sensibilizar a comunidade e visitantes quanto à importância da conservação do meio ambiente, a fim de zelar pela proteção do patrimônio cultural.

Além das peculiaridades associadas à condição de montanha, o café de sombra constitui elemento formador da paisagem local. Ao mesmo tempo, a paisagem de Guaramiranga também se incorpora ao café, transmitindo ao grão atributos de várias ordens que resultam na diferenciação e agregação de valor ao produto. Com efeito, café e paisagem local se influenciam mutuamente de forma positiva, em um processo que Panis (2009) comenta como “refuncionalização” das “formas-conteúdos” e paisagens do espaço rural.

Nesse sentido, as interações entre o café sombreado e a paisagem de montanhas de Guaramiranga são aqui analisadas, apontando os ganhos múltiplos derivados que alinham melhoria socioambiental e desempenho dessa atividade produtiva. Discute-se ainda como a paisagem de montanhas pode integrar diferentes setores na perspectiva da construção do desenvolvimento sustentável desses ambientes.

METODOLOGIA

Esse artigo tem como base método preconizado pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação – FAO, já aplicado no Brasil em diagnósticos e planejamento para diferentes microrregiões (GARCIA Fo., 1999). Tal método possibilita a coleta de informações essenciais para o diagnóstico de uma localidade ou território, na medida em que permite ao investigador ir além da revisão de documentos existentes, possibilitando que o mesmo possa perceber as transformações ocorridas na área estudada, incluindo suas possíveis causas. Cumpre ressaltar que os registros da percepção e análise da paisagem correspondem à sua leitura, a qual busca verificar e caracterizar os traços de heterogeneidade da localidade, ou eventualmente de sua homogeneidade. Entre os principais procedimentos para a produção da referida leitura, um destaque especial cabe aos percursos sistemáticos de campo, quando o investigador tem a oportunidade de observar, questionar e interpretar a paisagem correspondente. Nesse exercício, se faz ainda de grande valia a visão dos habitantes locais e outros informantes relevantes sobre cada traço identificado, bem como as razões históricas e naturais para os mesmos. Essa leitura tem início com o levantamento de informações de caráter geral, incluindo aspectos físicos e culturais.

Assim, a análise apresentada corresponde ao café sombreado (localmente promovido como “café verde”) produzido no município de Guaramiranga e arredores (“a Serra de Guaramiranga”), na linha de estudo de caso. Como procedimento metodológico fez-se uso, em uma primeira etapa, de análise documental e bibliográfica e, em uma segunda etapa, de observação e pesquisa participante, complementadas, no período de 2015-2018, por entrevistas com atores-chave em que, a partir de roteiro de perguntas abertas, foi possível consolidar a percepção geral da realidade analisada.

Os atores-chave foram selecionados para as entrevistas em função de terem atuação relevante com o tema, no setor público ou privado, diretamente relacionada à cafeicultura nas áreas de produção, pesquisa, extensão rural e consultoria, ou em atividades correlatas como turismo, hospedagem, gastronomia, artesanato e lazer, em Guaramiranga e municípios vizinhos.



E, no que tange aos questionamentos feitos nas entrevistas, estes foram relacionados ao processo histórico de evolução da cafeicultura na região da Serra de Baturité, bem como sobre a percepção dos entrevistados sobre o diferencial positivo da qualidade do café local decorrente das condições ambientais dos ambientes de montanha onde era produzido. E, buscou-se ainda, saber o motivo ao qual associavam essa interação ente produção cafeeira e ambiente, relacionando-a com fatores culturais e históricos e como entendiam que os consumidores avaliavam o café local.

No que tange ao caráter participante da pesquisa, tem-se por base Oliveira e Oliveira (1984), que descrevem a dificuldade de separar sujeito (pesquisador) e objeto da pesquisa (sociedade), posto que o primeiro também é um ser social e também parte das atividades humanas que transformam a sociedade. Portanto, por estar exposto aos impactos da sua ação de pesquisa, está impossibilitado de atuar como observador imparcial. E, segundo os mesmos autores, a pesquisa participante articula diversos questionamentos sobre as causas e dinâmica dos fenômenos sociais. Assim, a análise a seguir está baseada no entendimento estabelecido sobre os aspectos físicos e culturais locais e suas relações com a dinâmica social local historicamente construída.

GUARAMIRANGA: PAISAGEM E CULTURA ASSOCIADA AOS AMBIENTES DE MONTANHA LOCAIS

De acordo com Nogué (2010), o conceito de paisagem é fundamentalmente geográfico, mas abrange também aspectos filosóficos, éticos e estéticos, posto que, segundo o autor, uma paisagem criada de forma esteticamente consciente pode estabelecer na realidade modelos de uma relação entre natureza e sociedade humana, posto que, concomitantemente, é realidade prática e representação estética.

E, por sua vez, mesmo considerando que a paisagem pode ser considerada como imagem pictórica que representa esteticamente as relações das sociedades humanas com a natureza (CORRÊA, 2014), Cosgrove (1998) entende que a discussão geográfica sobre a transformação do ambiente pela ação humana deve rejeitar todas formas deterministas do sentido utilitário da atividade social sobre a natureza.

De acordo com Corrêa (2011), na visão de Denis Cosgrove, a paisagem enquanto produto cultural, que exprime sentido acerca das relações entre sociedades humanas e natureza, deve ser compreendida como expressão do modo específico como está organizado o ambiente social no tempo e no espaço. Destacando porém, que para o autor em análise, a paisagem não constitui-se apenas como resultante da ação humana transformando a natureza, mas apresenta-se também impregnada de valores simbólicos.



O município de Guaramiranga, integrante da região da Serra de Baturité, compreende uma área de 59,47 km², sendo assim o menor em termos de extensão territorial de todos os 184 municípios do Ceará (IPECE, 2009). E, ao lado de outros sete municípios, integra a Área de Proteção Ambiental da Serra de Baturité, criada em 1990 como a primeira do gênero no Ceará e a de maior extensão no estado.

Na língua tupi, guaramiranga significa “pássaro vermelho”, toponímia que, de antemão, sinaliza para uma conexão explícita com o meio ambiente e a paisagem. Dentre suas características gerais, Guaramiranga destaca-se como o município cearense com menor população, que correspondia a 4.164 habitantes, em 2010, sendo 40,1% da mesma considerada rural (IBGE, 2010).

Guaramiranga é a principal referência de montanha para os cearenses, seja para turismo ou moradia de férias e final de semana. Destoando da dominante paisagem árida (bioma caatinga) do estado, o clima ameno local, com temperatura média entre 14°C e 25°C e elevada umidade, corresponde ao tropical úmido, e atrai visitantes durante todo o ano. A altitude média corresponde a 865,24 m, com o ponto mais elevado alcançando 1.115 m, no local denominado “Pico Alto”, que sobressai como segundo ponto de maior altitude do Ceará (IPECE, 2010). A pluviosidade média alcança 1.668 mm anuais, sendo as chuvas concentradas no período de janeiro a julho. Nos meses de fevereiro a junho, o balanço hídrico se apresenta positivo, com a precipitação superando a evaporação (IPECE, 2012).

A natureza do município consta entre seus principais atrativos, inclusive porque Guaramiranga (juntamente com os municípios do seu entorno) abriga um dos últimos retalhos remanescentes da Mata Atlântica do estado do Ceará. Dessa forma, a cobertura verde constitui traço marcante da paisagem local, especialmente em áreas de maior declividade ou de difícil acesso. Entretanto, a *conservação da vegetação se mostra heterogênea, pois são visíveis as* porções onde a terra aparece nua, devido a desmatamento, queimadas ou outras alterações por atividades antrópicas (exemplo: agricultura, construções, implantação de loteamentos). Em termos de estágio de vegetação, predomina a do tipo secundária, em razão de sucessivos ciclos de ocupação da região, os quais envolveram cultivo de algodão, café, banana e olericultura que realizaram a retirada de porções da mata original. Ademais, a regeneração da vegetação se apresenta em estágios intermediário e avançado (SILVA, 2015).

A cobertura vegetal se compõe de mata úmida serrana (floresta subperenifólia tropical plúvio-nebular), mata atlântica, mata seca (floresta subcaducifólia tropical pluvial) e caatinga arbustiva densa (FEITOSA, 1998). Predomina a floresta úmida perenifólia, onde pontificam



espécies como: pau-d'arco-roxo (*Tabebuia impetiginosa*), pau-d'arco-amarelo (*Tabebuia serratifolia*), limãozinho (*Zanthoxylum rhoifolium* Lam.), aroeira (*Myracrodruon urundeuva*), freijorge (*Cordia trichotoma*), lacre-vermelho (*Vismia guaramirangae*), mutamba (*Guazuma ulmifolia* Lam.), orelhas-de-burro (*Clusia nemorosa*), goiabinha (*Alseis floribunda*), pau-ferro (*Caesalpinia ferrea*), trapiá (*Crataeva trapia*), babaçu (*Orbignya martiana*) (NUNES e PORTELA, 2011). Entre as leguminosas, incluem-se o mulungú (*Erythrina mulungu*), camunzé (*Pithecellobium polycephalum* Benth) e ingazeira (*Inga vera*), além de outras. A vegetação apresenta um dossel que varia entre 15 a 30 metros, embora existam diversos indivíduos emergentes (SEMACE, 1992). Em razão da umidade local, desenvolvem-se espécies pertencentes à família *Bromeliaceae*, tanto em forma rasteira como na forma epífita (quando utilizam outra planta como apoio). Além dessas, são comuns as samambaias, orquídeas, pacaviras (*Heliconia psittacorum*), líquens, musgos, trepadeiras e variadas flores silvestres (NUNES e PORTELA, 2011).

A fauna nativa abriga espécies raras como o tamanduá mambira e o gato maracajá. Dentre a avifauna, destacam-se: aí-tucano, pica-pau anão da caatinga, choca da mata, vira-folha, arapaçu-rajado, Maria do nordeste, uru, jacú e periquito-cara-suja, além de uma variedade de aves típicas da mata úmida. A herpetofauna (anfíbios e répteis) contém, entre outros, rãs, pererecas, serpentes (jibóia, surucucu pico-de-jaca) e lagartos (tejo, camaleão, calango verde e calanguinho), alguns desses ameaçados de extinção (SILVA 2015).

Ainda sobre elementos da paisagem natural, o relevo apresenta formas em cristas e colinas, uma vez que a região se constitui um maciço residual dissecado (FEITOSA, 1998). Em termos geológicos, prevalecem rochas de embasamento cristalino de idade pré-cambriana, constituídos de gnaisses e migmatitos. Esse substrato recebe coberturas aluvionares constituídas de sedimentos arenoargilosos, de idade quaternária, presentes ao longo dos principais rios e córregos que integram a drenagem natural local (FEITOSA, 1998). Em geral, os solos são espessos, com predomínio da classe Argissolo Vermelho-Amarelo (IPECE, 2012).

Em termos de patrimônio construído, Guaramiranga ostenta valiosos representantes da arquitetura colonial, compostos por casario que guarda vestígios de famílias de origem europeia da época imperial (Figura 1). Outras construções de destaque incluem mosteiros seculares, igrejas, capelas, praças ajardinadas, escadarias, estátuas e monumentos públicos, parques, teatros e museus. Compõem ainda esse ambiente, trilhas e mirantes, além de inúmeras pequenas pontes ao longo das vias. O município é entrecortado por uma rede de estradas vicinais (Figura 1) ligando as propriedades, vilas e distritos, que possibilitam o acesso às vias principais. Grande parte dessas



estradas rurais tem calha estreita e íngreme, apresentando revestimento primário (exemplo: piçarra ou calçamento tosco). Nas épocas chuvosas, essas estradas rurais sofrem com erosão por conta de problemas de drenagem e outros associados ao tipo de revestimento. Dentro das propriedades agrícolas, são comuns passarelas improvisadas e pinguelas (pontes feitas com tronco de árvores). Ainda como traço marcante da paisagem, na temporada das chuvas, cachoeiras jorram abundantemente (Figura 1).

Compõem ainda a paisagem estruturas de produção associadas a diferentes setores. Na agricultura, destacam-se: hortas, pomares, cultivos agroflorestais, floriculturas, bovinocultura, principalmente para leite; e agora começa a surgir a fungicultura (cogumelos). Associada a essa produção, verificam-se algumas construções imponentes de valor histórico-cultural, com destaque para sedes de fazendas produtoras de café, e outras associadas ao processamento: ruínas de engenhos de cana de açúcar, terreiros de café e algumas casas de farinha (Figura 1). O comércio local é, em geral, simples e de pequeno porte, sobressaindo-se alguns mercadinhos, depósitos de material de construção, lojinhas de artesanato, doces e outros produtos locais, além de algumas casas de vinhos e *delicatéssens*, venda de flores, mudas de espécies nativas e frutíferas exóticas, além de plantas decorativas. Em outros serviços privados, predomina o turismo, incluindo restaurantes, bares, lanchonetes, hotéis, pousadas, campings e locais de entretenimento como pesqueiros, tirolesas, e esportes.



Figura 1. Aspectos da paisagem do município de Guaramiranga e arredores na Serra de Baturité, CE: (A) casario típico na área urbana central; (B) estrada rural em pedra tosca; (C) Cachoeira da Veada; (D) Fazenda “Sítio São Luís”: casa sede e terreiro de café.



Fotos: (A) Helena Maria Romcy; (B) Lara Amorim Beltrão; (C) Cláudio Raulino; (D) Instituto São Luís.

CAFÉ E TURISMO

O patrimônio cultural tem se constituído em elemento básico de atratividade turística regional. Como a experiência turística é essencialmente cultural, o turismo demanda fortemente desse patrimônio (VENTURINI, 2003). Em razão de sua paisagem montana, Guaramiranga evoluiu também como local de referência para eventos culturais ligados à literatura, música, dança, teatro, gastronomia e outras manifestações artísticas. A cidade se tornou palco de diversos festivais anuais (exemplos: “Festival Internacional de Jazz e Blues”; “Festival Nordeste de Teatro”; “Mostra de Dramas”; “Festival de Letras, Flores e Vinhos”; “Festival das Flores”; “Festival de Café com Chocolate e Flores”; “Festival Viva Guará”; “Feira Livre das Artes”), além de outros eventos relacionados às artes (exemplos: literatura de cordel, poesia, reisado, violeiros e artesanato)

e ao meio ambiente. Cada um desses eventos acontece regularmente, em data específica do ano, de modo a formar um calendário anual cheio de atrações, enriquecendo a programação turística de Guaramiranga e entorno, consubstanciando quadro que, como relata Köhler (2011), é comum atualmente em muitas cidades especializadas no turismo cultural a promoção de um conjunto de atrações turísticas que vai além de seus atrativos de paisagem natural e construída.

Além do clima ameno dos ambientes de montanha, essas festividades contribuem para que Guaramiranga receba grupos crescentes de visitantes, que buscam desfrutar dos diversos atrativos ligados à cultura e paisagem natural do território. Ao lado da natureza privilegiada, esses eventos sobre temas sempre estimulantes (exemplos: cultura, meio ambiente), contribuem para fixar a imagem de Guaramiranga como local especial, o que encoraja visitas e permanências, mesmo que breves.

O turismo pode incorporar muitos elementos presentes no meio rural para atrair visitantes, os quais podem ser trabalhados de forma isolada ou como um conjunto de atrativos associados a um circuito de visitação (MOREIRA-GONÇALVES, 2020). Com essa última perspectiva, em iniciativas recentes, o café produzido na região da Serra de Baturité, se adicionou as experiências de visitação com foco na cultura e paisagem natural local.

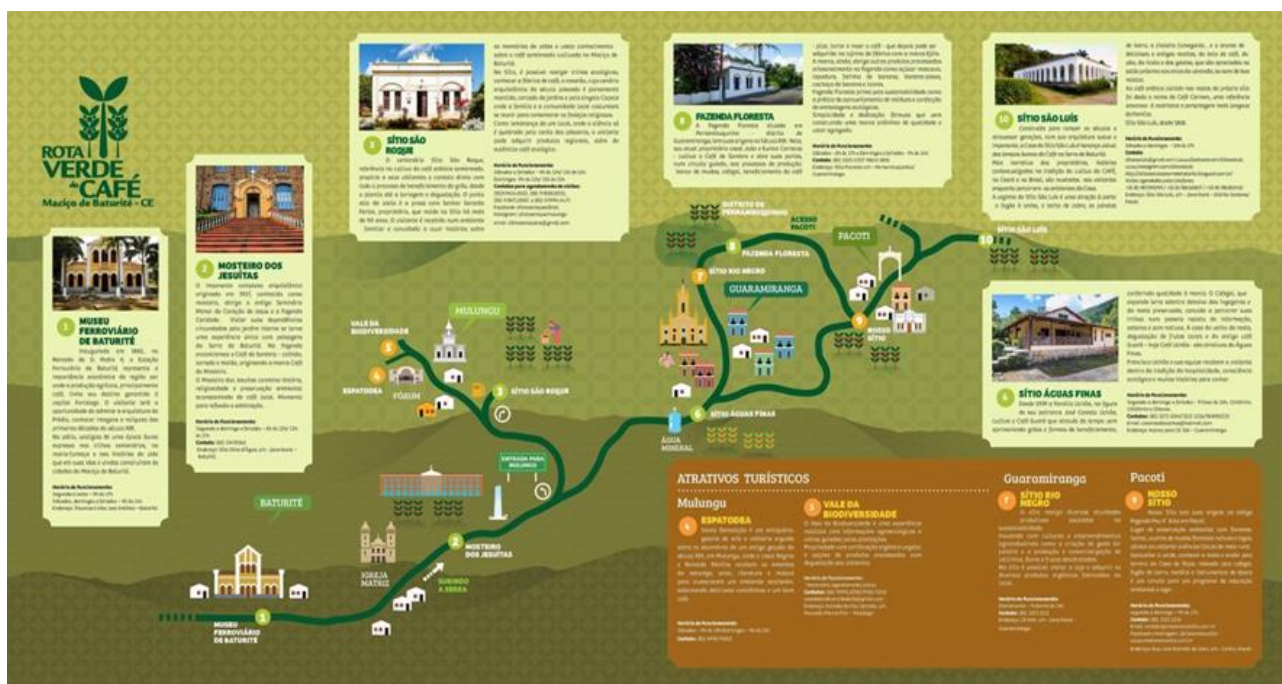
O fato da imagem do produto estar associado ao esforço conservacionista (“café verde”) contribui para sua diferenciação e agregação de valor. Uma das estratégias utilizadas para promover este café consiste apresentá-lo junto aos turistas que visitam Guaramiranga, seja através de exposição do produto em eventos, seja através de degustação, ou através de atividades educativas focadas e independentes, tais como cursos rápidos sobre os diversos tipos de café, formas de avaliar sua qualidade, com destaque para os cafés considerados especiais, além de demonstrações de diferentes maneiras de preparação da bebida. Todas essas atividades cuidam em dar destaque especial ao café produzido na região. O propósito consiste em formar consumidores mais exigentes para apreciar bebida de melhor qualidade, e assim estimular o mercado do produto diferenciado. Dessa forma, o café da região sempre marca presença nos diversos eventos locais, sejam esses sobre arte e cultura (exemplos: literatura, música, teatro, artesanato), sejam sobre flores, turismo, gastronomia ou meio ambiente.

Em mais uma iniciativa para promover o café produzido na região e integrá-lo ao turismo e a outras atividades (exemplos: artesanato e demais produtos locais), o SEBRAE-CE organizou, juntamente com os produtores de café da região, um roteiro turístico (“Rota Verde do Café”) composto por visitas a fazendas de café selecionadas (Figura 2). Esses estabelecimentos foram



preparados para receber os visitantes, incluindo melhorias estéticas e funcionais nos locais e atividades de capacitação de pessoal para conduzir os visitantes de forma orientada. As visitas proporcionam rica experiência sobre o café na região, incluindo explicações sobre aspectos históricos, culturais, econômicos, sociais e ambientais envolvidos na cafeicultura local. Entre outros detalhes, os participantes conhecem os casarões sede das fazendas e as histórias das famílias que os ocuparam, sobretudo sobre o envolvimento dessas nos negócios do café. Além disso, os visitantes caminham no cafezal em meio às veredas, aprendem sobre as características do terreno, da mata que sombreia o cultivo, do solo e clima, e ainda conhecem pormenores do processo de produção ecológica e dos terraços de secagem dos grãos. Em algumas fazendas, dependendo da época do ano, os visitantes podem também participar de operações de poda, limpeza e colheita, sempre com acompanhamento de guias que fornecem explicações sobre diferentes aspectos da produção e seu contexto.

Figura 2. Rota Verde do Café – Maciço de Baturité, CE.



Fonte: SEBRAE, CE.

Ao final, a visita inclui a degustação da bebida no ambiente familiar das propriedades, momento em que os guias explicam sobre as características próprias do grão e bebida e como essas podem ser percebidas. Nesse ambiente, são expostos e comercializados produtos do artesanato local, incluindo doces e outros alimentos, licores, bordados e artes com palha, fibras vegetais,

madeira, linhas e materiais reciclados. O café assim contribui para integrar diversas atividades que proporcionam oportunidades de ocupação produtiva e geração de renda para as famílias locais, conscientes da importância, como enfatizam Giovan e Bertolin. (2017), de que o turismo no espaço rural constitui importante atividade complementar, desde que associado à diversificação e diferenciação de seus produtos e serviços.

A atividade Rota do Café Verde combina a apresentação da história do café na região com prazer, sensibilização e formação de preferência, estimulando novos consumidores conscientes quanto às qualidades da bebida, bem como quanto à forma como o café ecológico interage favoravelmente com a natureza e a paisagem de montanhas.

DINÂMICA DA CAFEICULTURA NA PAISAGEM E CULTURA LOCAIS

As pessoas locais, principalmente as que residem nos sítios ou povoados, conhecem toda a rotina dos cafezais e a época certa de cada atividade envolvida. Muitos conhecem também as modas, costumes e tradições inerentes à cafeicultura, a qual compõe a paisagem e vice-versa, posto que é sobre e através dessa paisagem que se desenvolve o café, enquanto item de produção agrícola, bebida para servir, e cultura que teima em resistir, ou o quê mais a ele se associe, como agora faz o turismo que, em acréscimo e de forma semelhante ao observado por Souza (2014), retroalimenta a memória social e assim o sentimento de pertencimento ao território montano em questão.

Em toda a serra, o cafeeiro tem seu próprio calendário. As chuvas mais intensas na região começam em dezembro e durante os meses de abril e maio, há que se fazer a limpeza dos cafezais. Essa tarefa consiste na remoção de plantas espontâneas para que o cafeeiro não tenha concorrentes pelos nutrientes do solo e assim possa formar grãos de café graúdos e numerosos. Essa época é vital, porque em julho chega o tempo da colheita.

Porém, bem antes outras fases merecem atenção. Os grãos começam a ser formados após as chuvas curtas de setembro e essas são decisivas para o sucesso da florada, determinante para uma boa produção. Por conta da importância que tem para o sucesso da colheita do café, as pessoas locais denominam as chuvas de setembro de “chuva da esperança do café”. Cerca de três dias depois da primeira chuva, começam a surgir os botões de flores que logo em seguida desabrocham. Somente metade das flores se transformará em frutos, que estarão maduros e prontos para a colheita após aproximadamente nove meses. Depois dessa, vem o tempo de se fazer nova limpeza



no cafezal para em seguida podar os cafeeiros para visando estimular nova floração. Entre colheita e nova floração, o cafeeiro descansa por três meses. Fica assim completo o ciclo da cultura.

Colhido o café, o passo seguinte consiste no beneficiamento, ou na venda do grão sem processamento, quando os compradores fazem sua própria torra, usando equipamentos industriais. Além dos grãos comercializados, uma parte sempre fica reservada para o consumo das famílias dos produtores. Nesse caso, o processo de finalização do grão tem características bem domésticas: o grão é torrado em tachos de zinco, que ardem ao fogo de lenha. Quando os grãos começam a estalar, chega-se ao ponto certo da torra. O último passo é pilar os grãos para transformá-los em pó, que será usado para preparar a bebida. A porção guardada para a família serve a todos de casa e aos que chegam. Entre as pessoas locais, preparar, servir e consumir o café faz parte das convivências, dos rituais e do bem viver.

O calendário do café abarca o religioso e o profano. Além de missas e orações pedindo uma boa safra, o café vira motivo de festa e animação. Faz parte da tradição local, organizar um festejo ao final da colheita para comemorar o resultado, mesmo que esse não tenha sido estupendo. O propósito consiste em agradecer, compartilhar e vibrar com tudo que foi colhido. Nessa data, o dono do cafezal convida os apanhadores para se juntarem à sua família, podendo então incluir também amigos e vizinhos para um bom almoço, que acompanha brincadeiras e alguma bebida alcoólica; talvez por isso, o evento se chame popularmente de “meladinha”. A comida é farta, e o dia fica alegre, ruidoso e movimentado.

O café compondo a paisagem

A interferência do café na paisagem tem caráter multissensorial: inclui odores, cores, ruídos, formas, luzes, alívios e mesmo humores.

Em se tratando de odores, caminhar nos cafezais sombreados, em especial em tempo das chuvas (dezembro a junho), possibilita sentir o cheiro da terra úmida. O cheiro também reflete as folhas e galhos em decomposição. Na verdade, no cafezal, odores, cores, ruídos e outros elementos mudam suas notas, dependendo da fase em que a cultura se encontra.

Na época da florada, um perfume que se assemelha ao jasmim ou orquídea atravessa os limites do cafezal, impregnando as redondezas. O néctar das flores atrai abelhas e beija-flores que nelas pousam e do tal fluido se fartam incessantemente no cafezal. Durante a formação dos frutos, quase não se percebe o cheiro, a não ser os típicos de mata e terra, sempre suaves e que somente podem ser sentidos de perto. Na colheita, vem uma forte mudança: o atrito das mãos dos



apanhadores escorregando nos galhos e folhas do cafeeiro em busca de arrancar os frutos desprende uma fragrância indisfarçável, semelhante a mato fresco. Na expressão dos locais, esse cheiro tem cor e é considerado “verde”. Em uma fase seguinte do cafezal, quando acontece a poda, os cortes dos galhos fazem escorrer a seiva, espalhando seu aroma pelas vertentes, veredas e em toda a mata. Finalmente, já fora do cafezal, no terreiro os grãos deixados ao sol espalham um cheiro agradável, de algo “morno” e que chega a proporcionar um certo “aconchego”, na visão das pessoas do lugar. A produção à sombra intensifica os óleos aromáticos dos grãos, que dominam os ares dos cafezais, terreiros, cozinhas, bules e xícaras. Nos dias de torra do café, o cheiro que se espalha nunca pode ser escondido e todos ao redor dão conta que o café (grão) está pronto.

O cultivo do café sombreado muda também as cores da paisagem. Para começar, o atual sistema de produção à sombra “enche” a mata e cobre de verde as fazendas, que antes haviam sido, em boa parte, desmatadas para o implante dos cafezais cultivados a pleno sol ou mesmo de outras culturas. Na época da florada, primeiro surgem os botões que tem tom verde claro, depois aumentam de tamanho e se tornam brancos, e ao final se abrem formando buquês de flores brancas, cuja imagem ao longe chega a imitar flocos de neve aderidos aos cafeeiros. Após a floração, vêm os frutos que, no início, tem cor verde claro, depois quando crescem, assumem tonalidade mais escura, e na fase de amadurecimento se tornam laranja ou vermelho. Nessa fase, a copa verde dos cafeeiros fica sortida com essas duas cores, o que faz algumas pessoas lembrarem que, assim, o pé de café se assemelha a “uma árvore de Natal”. Mais uma mudança cromática se dá na fase de secagem, quando os grãos, chamados de “coco”, vão escurecendo em matizes de marrom, dando esse tom aos terreiros onde se dá essa operação.

A paisagem dos cafezais também produz distintas sonoridades. Deveras, os sons associados à paisagem local se alteram seguindo a dinâmica dos cafezais. Assim, nos meses antes da florada, as idas dos produtores e trabalhadores ao cafezal são quase silenciosas; todos ficam na expectativa do tamanho da florada que está por vir, pois ela dá indicações de quanto poderá ser o volume dos frutos, o que, por sua vez, já sinaliza o montante da colheita. Quando os botões de flores são formados e quando esses, após as chuvas, finalmente desabrocham, o humor das pessoas e seus ruídos no cafezal denunciam se a safra será boa, caso de euforia e muita movimentação; ou se a safra será fraca, quando os semblantes mostram resignação e os movimentos são quase surdos, indicando que haverá pouco o que comemorar.

Na época da colheita, a sonoridade se confunde com vibrações, “converseiros” e planos para o que fazer. É momento muito festivo, cheio de vozes, música, brincadeiras e até palmas no



cafezal. Os preparativos começam com homens e mulheres chegando cedo ao cafezal e em seguida amarrando cestos aos corpos, na altura da cintura, para neles depositar os grãos que dão conta de colher. Cada pessoa se encarrega de apanhar os frutos (“caroços”) de uma ou mais fileira (“carreira”) de cafeeiro. A colheita se faz tomando cada um dos galhos e puxando-o para baixo, em seguida escorregando com força a mão no mesmo, vindo desde a sua origem no tronco principal até o extremo e nesse movimento arrastando os frutos. Repetida tantas vezes durante o dia, a tarefa se torna simples e os apanhadores a executam quase que automaticamente sem aparentar cansaço.

O cafeeiro abrigado pelas árvores que o sombreia, também interfere nas luzes e sombras da paisagem. Encoberto por árvores amigas, o cafezal proporciona alívio para os que dele cuidam. Assim as árduas tarefas de limpeza, poda e colheita são executadas ao abrigo do sol, que pode ficar quase ardente nos meses de setembro a dezembro. A sombra, entretanto, não chega a ser completa, pois deve deixar passar raios de luz na quantidade certa, para assim favorecer o desenvolvimento do cafeeiro. Ademais, a luz presente consente aos encarregados perceberem possíveis pragas, danos e progressos dos pés de café.

Há ainda um jogo de formas e estéticas no cafezal. Além da paleta de cores que se alternam, revestindo o cafeeiro enquanto esse atravessa o ano, e as luzes filtradas imitando tempo nublado, a planta exibe diferentes contornos que mudam conforme as fases da cultura. No tempo da colheita, o esforço envolvido deixa os galhos baixos e eriçados, parecendo “mal comportados”. De perfil, o cafezal tem pontas e ângulos que aludem à desorganização. Passada a temporada de apanha, deve ser feito o “levantar”, quando os galhos são erguidos e organizados, formando copas mais comportadas que deixam o cafezal mais oblongo.

Na natureza, o retorno do café sombreado trouxe notável alento. Com as flores em desabrocho, vêm as abelhas e os colibris, que pousam de flor em flor para delas sugar o néctar. Movido por essa transformação, retornou o jacu (*Penelope jacucaca*), ave de grande porte da ordem *craciformes*, que há muito não se via em toda a região, embora tendo lá existido em profusão há cerca de 50-60 anos, estando inclusive, conforme anotam Albano e Girão (2008), classificada como “vulnerável” à extinção, e a razão principal para essa condição é a caça. Agora com mais árvores nativas, a sombra decorrente e seus frutos silvestres, bem como medidas duras para coibir sua caça, os jacus passeiam nos cafezais, arrastando suas longas caudas no chão, de onde também beliscam os besouros que lá encontram. O retorno dos jacus, que agora já formam ninhos e famílias nas fazendas locais, constitui um sinal de que a natureza começa a se recompor, em parte como resultado do fortalecimento da mata que sombreia os cafezais.



Todas essas evidências constituem sinais de melhorias no trato ambiental, de cuja evolução o café de sombra é tributário. Ao lado dessa contribuição, reforçada pelos dispositivos legais impostos pela condição de Área de Proteção Ambiental (APA), a região vem se afastando das ações de devastação motivadas por razões de produção agrícola intensiva, desvinculada dos aspectos culturais e ambientais das áreas montanhosas locais. Permanecem ainda, todavia, ameaças oriundas da especulação imobiliária. Apesar disso, em Guaramiranga e seu entorno, a maioria dos habitantes, sejam jovens ou velhos, urbanos ou rurais, de baixa renda ou de orçamentos mais remediados, quase todos mostram ter algum nível de consciência da importância de proteger o meio ambiente. Esse assunto faz parte das conversas rotineiras e as pessoas sabem das implicações de eventuais infrações, inclusive tendo claro como e onde denunciar tais mazelas. Ainda há muito a melhorar, mas esse avanço não pode ser minimizado.

A paisagem compoendo o café

O café produzido em Guaramiranga espelha características e propriedades da paisagem local, que se incorporam ao produto, distinguindo-o por razões subjetivas e objetivas. As de ordem subjetiva estão ligadas a traços da identidade do local, também integrantes da paisagem. E as objetivas incluem características do ambiente natural que influenciam aspectos sensoriais e organolépticos.

Lima (2010) comenta a composição ferrosa da água local que, por isso frequentemente tem coloração avermelhada e odor típico. Essa característica está associada à composição natural do solo da região, de conteúdo argiloso e rico em óxido de ferro, que proporciona predicado distinto ao grão de café, possibilitando uma bebida de qualidade superior.

Além disso, a altitude próxima a 1.000 m contribui para redução da temperatura, fato que proporciona ganhos de qualidade ao café (SILVEIRA, 2015), ao constituir condição para retardar a maturação dos frutos, reforçando as transformações químicas nos grãos, aumentando o teor de substâncias (açúcares, ácidos e aminoácidos) que favorecem positivamente os atributos relacionados a uma melhor bebida (VAAST et al, 2006).

Em termos subjetivos, o café incorpora traços da identidade serrana local, incluindo suas paisagens rurais e urbanas, naturais e construídas, históricas e modernas, produtivas e culturais. O café se apropria da identidade local, na qual a paisagem de montanhas sobressai, incluindo a cobertura verde, as touceiras de flores, a vida bucólica, afeições às artes e história, os destaques arquitetônicos, e a crescente consciência ambiental. Esses atributos incorporam ao café valores



intangíveis, tornando-o um produto que vai além de uma mera bebida, posto que a experiência de consumir o “café verde” proporciona sensações múltiplas, desde a satisfação com o sabor da bebida, à associação com a paisagem local e tudo que a mesma significa.

Algumas pessoas atribuem ao “café verde” a capacidade de transmitir “cheiro”, “clima”, “beleza”, “cores” e “atmosfera” de Guaramiranga, permitindo assim experiência completa de vivenciar a paisagem de montanhas com lembranças multissensoriais. Para os visitantes tornou-se quase obrigatório provar o café local, tanto na xícara, pronto para beber, como também em pacotes de grãos torrados ou em pó, pronto para levar. Assim, menções como “café da serra”, “café de Guaramiranga”, “café de Guará”, “café da mata”, “café de sombra”, “café de pilão”, “café ecológico” e outros assemelhados, estão nas falas e compras dos que querem aproveitar o passeio à cidade.

Entre os visitantes, o café se associa a gosto apurado, sensibilidade e sofisticação. Outros dizem que tomar o café da serra traz as lembranças da mata, natureza e beleza do lugar. Essas impressões são reforçadas por mais algumas que apontam para a imagem do café fumegante, ainda no bule, imitando a paisagem frequentemente nublada da região. De fato, o cheiro do café no fogão pode ser facilmente percebido quando se percorre as estradas e caminhos rurais que levam até as vilas, povoados ou casas isoladas. Ali, o café é parte da rotina e simplicidade. Nesses locais, de manhã cedo, junto com o cantar dos galos e as vacas mugindo durante a ordenha diária, a fumaça das chaminés das casas indica que o café está no fogo e logo estará pronto para ser servido para os de casa e os que chegam. Então, quando alguém conhecido chega à porta, a pergunta imediata é se o recém-chegado aceita um “cafezim”, aludindo à bebida servida quente em xícara de louça ou mesmo em um copo de vidro transparente cheio até a metade. Assim, o café facilita a conversa, aproxima pessoas e constitui meio de socialização, fundamental para que o turismo, como enfatiza Moreira-Gonçalves (2020), favoreça a valorização da cultura local e se retroalimente a partir desse processo.



Figura 3. Aspectos da paisagem natural e cultural associada à produção de café na Serra de Baturité, CE: (A) paisagem com neblina em área rural do município de Guaramiranga; (B) preparação do café em fogão a lenha no Sítio São Luís, município de Pacoti.



Fotos: (A) Cláudio Raulino; (B) Instituto São Luís.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A retomada da produção do café na região de Guaramiranga, agora sombreado e apresentado como “café verde”, se aninha na paisagem de montanhas local e recolhe dessa, traços de sua identidade, assim enriquecendo seus atributos e proporcionando ganhos em termos de agregação de valor. A relação se mostra recíproca, pois o café também dá forma à identidade e à paisagem local. Nessa dinâmica, o “café verde” alia, simultaneamente, a expansão da produção de maior valor econômico e ganhos ambientais, associados à valorização de aspectos culturais, “impregnados” ao longo do tempo na paisagem montana desde a evolução histórica da sociedade local.

A experiência do “café verde” de Guaramiranga aponta para oportunidades de trabalhar a paisagem de forma integrada, associando, com sucesso, produção agrícola, com turismo, cultura e atividades correlatas, e com a qualificação ambiental, na perspectiva do desenvolvimento sustentável. Para tanto, articula elementos intangíveis, entre os quais fatores locais, como a paisagem que constitui fonte de geração de valor.

A paisagem diferenciada dos ambientes de montanha locais estimula a imaginação, despertando interesse pela mesma e assim reforça seus atributos, que acabam se transferindo aos produtos com ela sintonizados. Dessa forma, os atributos naturais e culturais se incorporam ao produto somando valor ao mesmo, sendo importante fortalecer esse diferencial junto ao público

DOI: <http://dx.doi.org/10.22295/grifos.v32i58.6812> | Edição Vol. 32, Núm. 58, 2023.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

para amplificar seu impacto. No caso do café verde de Guaramiranga, o sabor e aroma do mesmo, a sua associação com a paisagem local, as imagens e lembranças que esse traz à tona proporcionam uma experiência multissensorial aos que consomem a bebida, assim contribuindo para adicionar valor ao grão.

Esse estudo descortina novas funções para a paisagem. Quase sempre percebida como simples palco que abriga elementos naturais ou sociais, com vocações mais associadas a questões estéticas, e desprovidas de importância econômica, a paisagem de montanha, bem ao contrário, pode impulsionar a produção e geração de valor, trazendo a reboque empregos e ocupações produtivas, negócios, renda, vitalidade cultural e ainda cuidados ambientais. Essa compreensão anuncia direções inovadoras para o desenvolvimento sustentável de territórios montanhosos, com o uso eficiente dos recursos naturais e culturais enquanto patrimônio constituído com unicidade expressa em valores intangíveis associados a atividades de turismo e lazer.

REFERÊNCIAS

ALBANO, C.; GIRÃO, W. Aves das matas úmidas das serras de Aratanha, Baturité e Maranguape, Ceará. **Revista Brasileira de Ornitologia**, Brasília, DF, v.16, n.2, p.142-154, 2008. Disponível em: <http://revbrasilornitol.com.br/BJO/article/view/0532/pdf_545>. Acesso em 11 de julho de 2021.

CORRÊA, R. L. Carl Sauer e Denis Cosgrove: a paisagem e o passado. **Espaço Aberto**, Rio de Janeiro, v.4, n.1, p.37-46, 2014. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/EspacoAberto/article/view/2431/2077>>. Acesso em 08 de abril de 2022.

CORRÊA, R. L. Denis Cosgrove: a paisagem e a imagem. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n.29, p. 7-21, 2011. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3528/2454>>. Acesso em 08 de abril de 2022.

COSGROVE, D. E. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n.5, p. 5-29, 1998. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6313/4506>>. Acesso em 08 de abril de 2022.

FEITOSA, F. A. C. **Programa de recenseamento de fontes de abastecimento por água subterrânea no estado do Ceará** - diagnóstico do município de Guaramiranga. Fortaleza: CPRM, 1998. 13p. Disponível em:

DOI: <http://dx.doi.org/10.22295/grifos.v32i58.6812> | Edição Vol. 32, Núm. 58, 2023.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

<http://rigeo.cprm.gov.br/xmlui/bitstream/handle/doc/16105/Rel_Guaramiranga.pdf?sequence=1>. Acesso em 12 de junho de 2018.

GARCIA FILHO, D. P. **Análise diagnóstico de sistemas agrários**: guia metodológico. Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO). Brasília: INCRA/FAO, 1999. 65p. Disponível em: <<https://www.bibliotecaagptea.org.br/administracao/legislacao/livros/GUIA%20METODOLOGICO%20ANALISE%20DIAGNOSTICO%20DE%20SISTEMAS%20AGRARIOS.pdf>> Acesso em 18 Jun. 2021.

GIOVAN, R.; BERTOLIN, G. R. F. Perspectiva do turismo rural como alternativa para agricultura familiar: análise de trabalhos científicos. **Desenvolvimento em Questão**, Ijuí, v.15, n.38, p. 196-210, 2017. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/752/75248917011/75248917011.pdf>>. Acesso em 07 de abril de 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Sinopse do censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=29&uf=23>>. Acesso 11 de março de 2018.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ - IPECE. **Perfil básico municipal, Guaramiranga**. Fortaleza: Secretaria de Planejamento e Gestão, 2012. 18p. Disponível em: <<https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2013/01/Guaramiranga.pdf>>. Acesso em 12 mar. 2017.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ - IPECE. **Anuário Estatístico do Ceará 2010**. Fortaleza: Secretaria de Planejamento e Gestão, 2010. np. Disponível em: <<http://www2.ipece.ce.gov.br/publicacoes/anuario/anuario2010/fisiografia/recursos.htm>>. Acesso em 11 de abril de 2022.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ - IPECE. **Perfil básico municipal, Guaramiranga**. Fortaleza: Secretaria de Planejamento e Gestão, 2009. 17p. Disponível em: <https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2018/09/Guaramiranga_2009.pdf>. Acesso em 20 mar. 2018.

KÖHLER, A. F. Patrimônio cultural, turismo e gestão pública: exploração turística predatória e desvalorização patrimonial em Igarassu, Brasil. **Pasos – Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, La Laguna, v.9, n.2, p.265-278, 2011. Disponível em: <http://www.pasosonline.org/Publicados/9211/PS0211_04.pdf>. Acesso em 08 abr. 2022.

LIMA, V. T. de A. **No contorno da serra: campesinato, cultura e turismo em Guaramiranga - CE**. 2010. 163 f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista, Rio Claro. Disponível em:

DOI: <http://dx.doi.org/10.22295/grifos.v32i58.6812> | Edição Vol. 32, Núm. 58, 2023.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/104336/lima_vta_dr_rcla.pdf?sequence=1>. Acesso em 28 set. 2021.

MOREIRA-GONÇALVES, L. G. Turismo no espaço rural como instrumento de valorização patrimonial em assentamentos de reforma agrária: o caso de Rosana, São Paulo. **Turismo e Sociedade**, Curitiba, v.13, n.3, p.121-142, 2020. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/turismo/article/view/76863/43668>>. Acesso em 07 abr. 2020.

NOGUÉ, J. El retorno al paisaje. **Enrahonar**, Barcelona, v.45, p.123-136, 2010. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/153360769.pdf>>. Acesso em 08 abr. 2022.

NUNES, F. de P.; PORTELA, S. V. da S. **Plano de Manejo Reserva Particular do Patrimônio Natural – RPPN, Serra da Pacavira**. Pacoti, CE: Associação dos Proprietários de RPPN do Ceará, 2011. 162p. Disponível em: <<https://www.rppnserradapacavira.com.br/wp-content/uploads/Plano-de-Manejo-SERRA-DA-PACAVIRA-Concluido.pdf>>. Acesso em 20 set. 2021.

OLIVEIRA, R. D.; OLIVEIRA, M. D. de. Pesquisa social e ação educativa: conhecendo a realidade para poder transformá-la. In: BRANDÃO, C. R. (org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984. p.17-33.

PANIS, M. O patrimônio cultural e as novas territorialidades turísticas em comunidades rurais: uma realidade emergente no distrito de Rincão da Cruz – município de Pelotas/RS. Curitiba: **Revista R. RA'E GA**, Curitiba, v.17, p.77-92, 2009. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/12086/10667>>. Acesso em 07 abr. 2022.

SUPERINTENDÊNCIA ESTADUAL DO MEIO AMBIENTE DO CEARÁ – SEMACE. **Zoneamento ambiental da APA da Serra de Baturité – diagnóstico e diretrizes**. Fortaleza: SEMACE, 1992. 109p.

SILVA, F. E. de S. **A conservação da biodiversidade da serra de Baturité na perspectiva das unidades de conservação**. 2015. 221 f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: <<https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=88334>>. Acesso em 27 set. 2021.

SILVEIRA, A. de S. **Atributos sensoriais dos cafés cultivados em diferentes altitudes e faces de exposição na Região das Matas de Minas**. 2015. 60 f. Dissertação (Mestrado em Fitotecnia). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2015. Disponível em: <ATRIBUTOS SENSORIAIS DOS CAFÉS CULTIVADOS EM DIFERENTES ALTITUDES E FACES DE EXPOSIÇÃO NA REGIÃO DAS MATAS DE MINAS (ufv.br)>. Acesso em 12 ago. 2021.

SOUZA, M. T. de. Treze Tílias: articulações entre memória social e turismo cultural. Chapecó: **Revista Grifos**, v.36/37, p.41-52, 2014. Disponível em:



<<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/grifos/article/view/2493>>. Acesso em 05 abr. 2022.

VAAST, P; BERTRAND, B.; PERRIOT, J; J.; GUYOT, B.; GÉNARD, M. Fruit thinning and shade improve bean characteristics and beverage quality of coffee (*Coffea arabica* L.) under optimal conditions. Malden: **Journal of the Science of Food and Agriculture**, v. 86, n. 2, p.197-204, 2006. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/jsfa.2338>>. Acesso em 28 set. 2021.

VENTURINI, E. J. Patrimonio cultural, turismo y desarrollo local: el camino de las estancias jesuíticas de Cordoba. Mar del Plata: **Aportes y Transferencias**, v.7, n.1, p.44-64, 2003. Disponível em: <<http://nulan.mdp.edu.ar/272/1/Apo2003a7v1pp45-65.pdf>>. Acesso em 8 abr. 2022.

